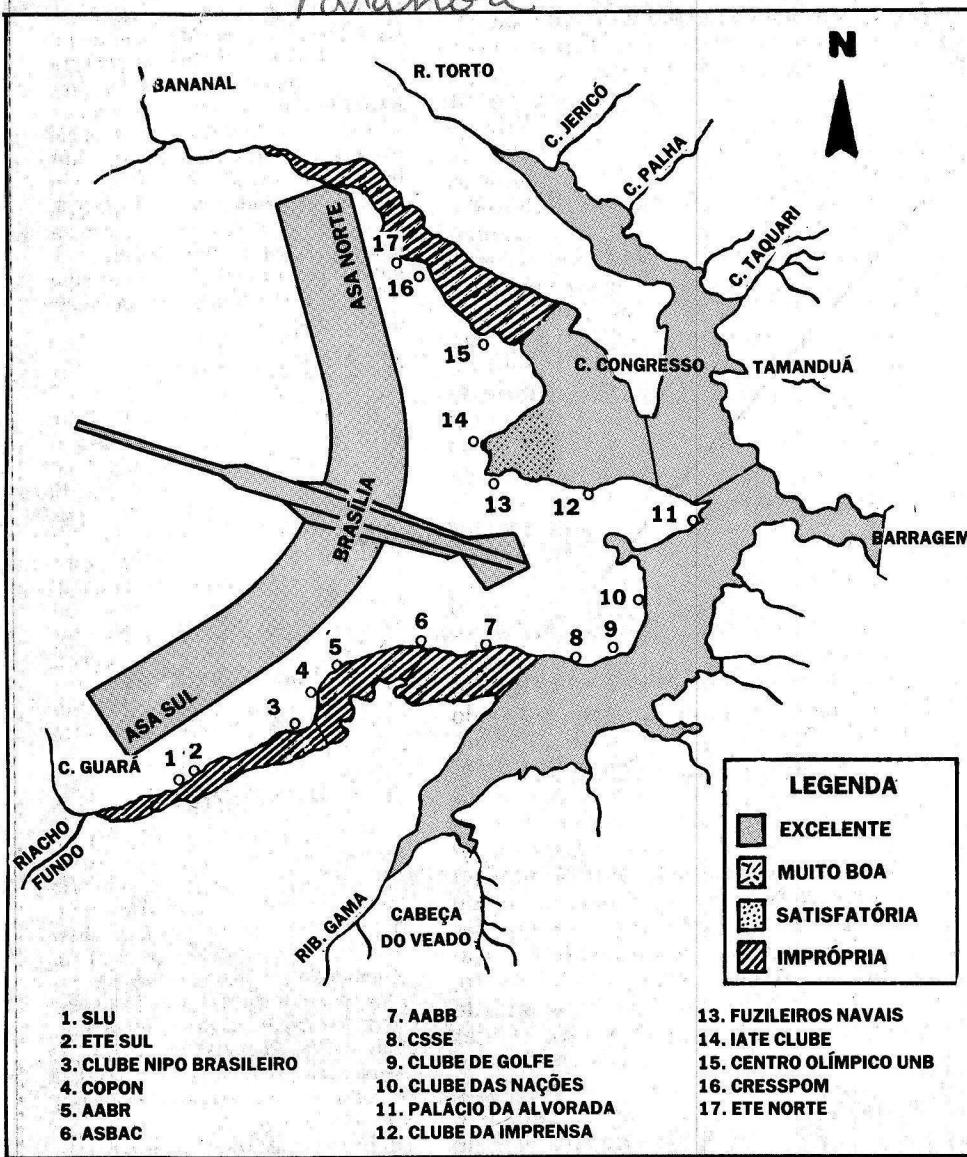


Lago tem 30% de área altamente poluída

Paranoá



Cléia Martins

Mais de 30 por cento da área total do Lago Paranoá é imprópria para recreações e práticas desportivas, como canoagem e jet ski. Este alto índice de poluição foi divulgado esta semana pela Divisão de Monitoramento de Qualidade da Água, da Estação de Tratamento de Esgotos Norte (ETE/Norte) da Caesb, após a conclusão do Programa de Balneabilidade do Lago. As áreas mais críticas estão localizadas nos pontos extremos do lago. O lado Sul é o mais comprometido, porque além de receber os esgotos da ETE/Sul, o poluído Riacho Fundo junta-se naquele setor com as águas do Paranoá.

Entre a estação do SLU até a Associação Atlética do Banco do Brasil (AABB) e da Ponte do Bragueto até o Centro Olímpico da UnB, a água é altamente poluída. Quem utilizar estas áreas está sujeito, segundo a química Eliane Barreto Costa — chefe da Divisão de Monitoramento — a todas as doenças hídricas, como tifo, hepatite, febre tifóide, até mesmo cólera caso chegue aqui, sem contar as doenças de pele”.

Canalização — Em relação ao último estudo, realizado no primeiro semestre do ano passado, foi constatado que as zonas críticas aumentaram. Houve um avanço da poluição bastante expressivo, que só será barrado, segundo a química, quando diversos projetos forem concluídos, a exemplo da canalização dos esgotos que caem no Riacho Fundo — provenientes do Guará, Núcleo Bandeirante e Candangolândia — para a ETE/Sul.

A região central do lago e braço do Ribeirão do Torto, onde está localizada a Casa da Dinda são os locais, de acordo

com o estudo, onde a água é excelente para todos os tipos de esportes aquáticos. Entre o Clube de Golfe e o dos Fuzileiros Navais a poluição também não é tão grande quanto nas áreas críticas.

Índices — O lago Paranoá foi poluído gradativamente. Nas últimas duas décadas, o nível vem aumentando expressivamente. Antes que fossem iniciados os trabalhos de despoluição do lago, que envolvem entre outros processos, a reforma, ampliação e implantação de novas formas de tratamento de esgotos pela ETE, acreditava-se que não haveria soluções. Mas, muita coisa ainda precisa

ser feita para que o lago volte às suas condições originais.

Além do forte peso que o Riacho Fundo representa para o agravamento da situação, segundo a química Eliane Barreto Costa, as galerias de águas pluviais precisam ser corrigidas. As galerias, que canalizam as águas das chuvas para o lago, não estão tendo somente esta utilidade. “Alguns moradores estão fazendo ligações clandestinas de esgotos às galerias, prejudicando o sistema”, afirmou. Além disto, ela declarou que existe uma série de medidas a serem adotadas pelos demais órgãos que estão envolvidos no programa de despoluição.